

humanitas

Vol. LX

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



HUMANITAS

Vol. LX



CASTRO, Maria João Padez (de); MARCOS, Rui de Figueiredo (coord.), *Orações de Sapiência da Faculdade de Direito 1856-2005*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 2007, 376 pp. ISBN: 978-989-8074-21-8

Depois de a Faculdade de Ciências e Tecnologia, em 1997, ter publicado as suas orações de sapiência proferidas no século XX, depois de a Faculdade de Letras, em 2002, ter publicado as orações de sapiência que produziu entre 1912 e 1995 e depois de igual iniciativa ter tido a Faculdade de Medicina, em 2005,¹ é a vez de a Faculdade de Direito homenagear os seus oradores e trazer à luz vinte e uma orações de sapiência proferidas após a fundação da moderna Faculdade de Direito. A partir delas poderá fazer-se com maior rigor a história das ideias políticas, jurídicas e educacionais em Portugal desde o século XIX, bem como “iluminar o próprio trajecto histórico do pensamento jurídico na Escola de Coimbra” (p. XL).

O *corpus* textual expõe-nos o que pensavam os diversos membros da Academia sobre o sentido do ensino e da missão da universidade (particularmente em relação com os diferentes momentos históricos do país), mas permite-nos sobretudo ver, ao longo dos anos, presidentes da República, chefes de governo, ministros e secretários de Estado tomarem o lugar que antes pertencera a reis e a príncipes; e o louvor de todas as ciências, por vezes, ceder o passo ao elogio específico da disciplina de cada orador, num caminho que parece oscilar entre o saber integrado e o saber especializado, com as diferentes políticas educativas subjacentes. No entanto, como escreve Rui Marcos “seria faltar à verdade não reconhecer que esse desiderato se acha temperado, quando não suplantado, por um voto na formação integral do aluno da Universidade de Coimbra, como decorre de vários lances encerrados nas orações de sapiência” (p. LXXIII).

Com prefácio breve e elegante de José de Faria Costa, como mandam as regras, a obra que agora se publica reúne oito orações de sapiência do século XIX, doze do século XX e uma do século XXI (do ano de 2005), da autoria de Figueiredo Dias (a qual não chegou a ser pronunciada devido ao ambiente de grande exaltação estudantil). Os coordenadores, no entanto, não se limitaram a apresentar o seu texto de forma nua e desprovida. Exemplos oportunos de membros da *universitas facultatum*, Maria João Padez e Rui de Figueiredo Marcos socorreram-se da colaboração de dois conhecidos latinistas (António Rebelo e Carlota Miranda Urbano, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra) e puderam assim oferecer ao leitor o texto latino de algumas orações do século XIX,

¹ *Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. Orações de Sapiência. Século XX*, Coimbra, 1997; F. Oliveira (Coord.), *Orações de Sapiência da Faculdade de Letras (1912-1995)*, Coimbra, 2002; *Orações de Sapiência da Faculdade de Medicina (1845-2000)*, Coimbra, 2005.

acompanhado da respectiva tradução, sempre de elevada qualidade. E como se não bastasse, num estudo introdutório de fôlego, Rui Marcos faz ainda um esmerado retrato histórico das orações de sapiência da Faculdade de Direito, sem ignorar o devido enquadramento na restante produção oratória, que desde sempre dourou os Actos académicos da Universidade de Coimbra.

Incidindo ora sobre as orações da Faculdade de Direito ora sobre todo o conjunto das orações das outras Faculdades, Rui Marcos estabelece três ciclos fundamentais, de acordo com a estrutura interna das orações e com o evoluir histórico do conteúdo temático que estas versam, até aos alvares do século XXI: um período monárquico, um período republicano e outro com início posterior à década de 40 do século XX (p. XLII ss.).

Não é demais sublinhar o valor científico e interdisciplinar do estudo de Rui Marcos (pp. XI-LXXIII), não só pelo exame metódico das fontes mas também pelo labor de sistematicidade que desenvolve, não prescindindo do trabalho daqueles que o precederam no mesmo exame das fontes. Refiro-me ao arquétipo da obra de Américo Costa Ramalho, a quem o autor não poupa, aliás, as palavras de estima e gratidão, mas também aos trabalhos de Jorge Alves Osório, Carlota Miranda Urbano, Miguel Pinto de Meneses e Maria Helena da Rocha Pereira.

Ao longo de uma investigação cuidadosa das fontes, Rui Marcos descreve de forma clara e elegante, a tradição das orações de sapiência da Universidade desde as suas origens (com o protectorado do Infante Dom Henrique sobre a Universidade, no século XV) em estreita associação com os deveres do lente de *Prima* de Teologia. Percorremos assim os diversos estatutos da Universidade ao longo dos séculos, por meio dos quais se foi elaborando um *código* normativo para a produção destes textos. Mas percorremos acima de tudo a obra oratória daqueles primeiros autores que, do século XVI em diante, louvaram as ciências e o rei e exortaram ao estudo das letras.

Uma palavra de apreço é devida à fina sensibilidade que o autor deste estudo manifestou pelo valor pioneiro e paradigmático de certas orações, como a do jovem D. Pedro de Meneses, Conde de Alcoutim e discípulo do célebre Cataldo (1504); a de André de Resende (1534), de Jerónimo Cardoso (1536), de João Fernandes, de Arnaldo Fabrício, de Belchior Beliago (1548) e de Hilário Moreira (1552) – proferidas umas ainda em Lisboa, outras já em Coimbra, tributárias, portanto, do novo clima humanístico decorrente da reforma dos estudos levada a cabo por D. João III.

No século XVII e seguintes, o autor não esquece a oração do Padre Francisco Machado S. I. (1629) e de D. Fr. Manuel Nicolau de Almeida (1794). De todas o autor faz uma leitura atenta, à luz dos cânones que iam sendo consagrados antes e depois da reforma pombalina, concluindo que o modelo das orações de sapiência que, no passado, se esculpira com nitidez, parece ter-se mantido até 1844 (p. XXXV), quando um decreto legislativo veio introduzir uma nova disciplina nas

orações de sapiência da Universidade. Essa nova disciplina, cuja doutrina se veio a afirmar com o rodar dos anos, descreve-a Rui Marcos na p. XLI.

A terminar este estudo introdutório, uma interessante e oportuna reflexão sobre a ideia de Universidade que efectivamente se desvela das orações proferidas na Sala dos Capelos, e ainda o alerta para o desmoronamento da *universitas scientiarum*, após o “traje complexo do conjunto de cursos superiores especializados” que a universidade passou a envergar (p. LXIII).

O livro de Maria João Padez e Rui de Figueiredo Marcos é porém um resultado inequívoco do espírito que efectivamente anima a *universitas scientiarum*.

MARGARIDA MIRANDA

DEACY, Susan, *Athena*, London/New York, Routledge, 2008, 175 pp. ISBN: 0-415-30066-5

Athena é o mais recente título da colecção *Gods and Heroes of the Ancient World*, publicado pela prestigiada casa Routledge, seguindo-se a estudos dedicados às figuras de Zeus, Prometeu, Medeia, Dioniso e Édipo.

Sendo uma das divindades mais complexas e plurifacetadas do sistema religioso helénico, Atena pressupõe, necessariamente, uma “biografia” (ainda que este seja um termo rejeitado pela A., p.8) igualmente plural, longe da linearidade. Na verdade, é a própria figura a exigir-lo e S. Deacy apreende com eficácia essa necessidade, sendo bem sucedida na sua concretização. Bastará pensar que Atena é a “senhora da guerra”, ao mesmo tempo que lhe são atribuídas qualidades como a “justiça”, a “sabedoria” e as “artes”, além do patrocínio de cidades, de que Atenas é o exemplo mais conhecido. Mistura mais heterogénica do que esta seria difícil de obter e tal realidade deriva, como é evidente, do “passado” atribulado e pouco homogéneo da divindade. Se o panteão grego conheceu deuses que se identifiquem com a diversidade, Atena foi sem dúvida um deles.

Em termos de metodologia, S. Deacy inicia o seu percurso analisando os epítetos em que a deusa se reconhece. Como será de esperar, este é um método eficaz, dado que os epítetos, mormente testemunhados pelos poetas antigos, de Homero e Hesíodo aos trágicos, são por norma o resultado da expressão popular do culto, resultando na possibilidade de conhecer a forma mais incisiva o que os antigos gregos reconheciam em Atena. Como é sabido, a religião grega é adomgática, desconhecendo qualquer tipo de manual que defina as divindades dentro de limites estanques. Os deuses, como os mitos, constroem-se aos níveis quotidiano e regional, já para não dizer individualmente, dependendo sobretudo da piedade pessoal. Esta, por sua vez, é uma das áreas nebulosas no estudo da Religião Grega, pois são poucos os testemunhos que nos permitem o acesso às convicções religiosas pessoais de cada indivíduo. Neste sentido, o estudo de epítetos como *parthenos*,